



PEDAGOGIAS DA IMPRENSA NEGRA: CONSTRUINDO CIDADÃOS NEGROS CIVILIZADOS E HIGIÊNICOS NO JORNAL *O EXEMPLO* (1916-1918)

Jéssica L. Duarte¹

Maria Angélica Zubaran²

Resumo

Estudos sobre a imprensa negra no Brasil têm destacado a importância dos periódicos produzidos por afro-brasileiros nas pesquisas sobre a educação de negros (as). Neste sentido, a importância desta pesquisa refere-se ao levantamento sobre os sentidos e significados atribuídos a educação, entre os anos de 1916 a 1918. A relevância deste estudo está relacionada às demandas educacionais do tempo presente, tanto no que se refere às Leis nº 10.639/2003 e 11.645/2008 quanto às Diretrizes Curriculares para o Ensino das Relações Étnico-Raciais (2004), que incentivam o estudo da cultura e da história afro-brasileira e Africana. O objetivo central desta pesquisa é mapear e problematizar os discursos e representações mais recorrentes empreendidas pelas lideranças negras do jornal *O Exemplo* na coluna “Da Educação”. Em termos teórico-metodológicos, num primeiro momento, levantamos os temas tratados na coluna “Da Educação”, no período selecionado. Em um segundo momento, analisamos como os redatores afro-brasileiros construíram suas narrativas sobre educação nesta coluna. Entre os resultados parciais da pesquisa foi possível observar-se a presença de um discurso prescritivo associado ao discurso da civilidade e ao discurso higienista. Na série de artigos sob o título “Da Educação”, mapeamos temas variados, tais como: família, fórmulas de tratamento, dos cumprimentos, nos bailes, dos banquetes ou jantares e cerimônias e da correspondência epistolar.

Palavras-chave: Educação; Jornal *O Exemplo*; Pedagogias Culturais

INTRODUÇÃO

O presente projeto de pesquisa investiga as pedagogias culturais da imprensa negra no jornal *O Exemplo*, que produz e faz circular ensinamentos em outro espaço, que não os espaços da escola. As narrativas produzidas na coluna intitulada “Da Educação” remetem aos manuais de civilidade que foram sucesso editorial na Europa desde o século XVI e XVII, que eram dedicados a ensinar as pessoas como se comportarem e como agirem dentro da comunidade. Em Portugal foi publicado no ano de 1845, o Código do Bom Tom, de autoria do padre J.I.Roquette, que circulou no Brasil no século XIX e que se tornou leitura obrigatória para a aristocracia brasileira imperial. É importante destacar, que estes manuais de boas maneiras começaram a circular no Brasil em meados do século XIX, momento em que as cidades brasileiras estavam se desenvolvendo, e em que as elites passavam a conviver socialmente e precisavam de modelos de comportamento. O modelo de civilidade adotado foi o francês. Possivelmente, os redatores do jornal *O Exemplo* tiveram contato com estes manuais, pois a forma como produziram a coluna “Da Educação” remete aos títulos e a organização do Código do Bom Tom do padre Roquette e deveriam contribuir na formação de condutas e modos de ser da comunidade negra nas primeiras décadas do século XX. Tratava-se, portanto, de regulamentar e normatizar as condutas sociais de negros e negras identificando os modos que deveriam exibir quando em público em diferentes espaços, tais como: nos bailes, nos banquetes ou jantares de cerimônia, fórmulas de escrita da

¹ Aluna do curso de graduação em História – Bolsista PIBIC/CNPq – teacherlein.historia@gmail.com

² Professora do curso de graduação em História e PPGEDU– angeliczubaran@yahoo.com.br

correspondência epistolar, prescrevendo comportamentos adequados e condenando como “impróprios”, “malévolos”, “insolentes”, “despravados” e de “péssima educação”, aqueles hábitos que não se enquadravam nas regras prescritas na coluna “Da Educação”. Portanto, trata-se de uma pesquisa que prioriza o entendimento dos próprios afrodescendentes sobre educação nas práticas civilizatórias e higienistas. Neste sentido, o objetivo central desta pesquisa é mapear e problematizar os discursos e representações mais recorrentes empreendidas pelas lideranças negras do jornal *O Exemplo* na coluna “Da Educação” entre os anos de 1916 a 1918.

METODOLOGIA

O artefato cultural analisado na pesquisa é o jornal *O Exemplo*, no período entre 1916 a 1918. Trata-se de uma pesquisa que tem como foco central a discussão do conceito de pedagogias culturais na perspectiva teórica dos Estudos Culturais em Educação. Neste sentido, Tomaz Tadeu da Silva (1999, p. 140) afirma que tal como a educação, outras instâncias culturais também são pedagógicas, também têm uma pedagogia, também ensinam coisas. Tanto a educação como a cultura, em geral, estão envolvidas em processos de formação dos sujeitos (SILVA, 1999, p.139). Neste sentido, o objetivo central da pesquisa é mapear e problematizar os discursos e representações mais recorrentes empreendidas pelas lideranças negras do jornal *O Exemplo* na coluna “Da Educação”. Em termos teórico-metodológicos, num primeiro momento, levantamos os temas tratados nesta coluna, no período selecionado. Em um segundo momento, analisamos como os redatores afro-brasileiros construíram suas narrativas sobre a educação investiga as articulações entre os discursos de Civilidade e Higienista com as prescrições de comportamento e de hábitos disseminados na coluna. Portanto, buscou-se analisar o impacto da imprensa negra e dos manuais de boas maneiras nos processos de formação dos sujeitos negros e na construção de suas identidades. Segundo Jacques Revel (1991), “A civilidade trata da postura e dos comportamentos sociais na igreja, à mesa, nos banquetes e refeições, nos encontros e conversas, no esporte e no leito. (p. 172-173). Por outro lado, conforme Iranilson Buriti de Oliveira (2011), a concepção higienista que caracterizou a sociedade brasileira em fins do século XIX, buscou conciliar as necessidades familiares ao interesse do Estado para moralizar e disciplinar os comportamentos mediante normas de higiene e asseio pessoal” (p.6). Neste sentido, a partir do entendimento do jornal *O Exemplo* como um artefato cultural, que não apenas informa, mas que contribui na formação e construção das identidades negras. A relevância deste estudo está relacionada também às demandas educacionais do tempo presente, tanto no que se refere às Leis nº 10.639/2003 e 11.645/2008 quanto às Diretrizes Curriculares para o Ensino das Relações Étnico-Raciais (2004), que incentivam o estudo da cultura e da história afro-brasileira e Africana.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Investigou-se um total de trinta colunas intituladas “Da Educação” que apresentavam regras de comportamento em diversos espaços e em diferentes situações sociais organizadas da seguinte forma: a família, o colégio, os lugares públicos, os maus hábitos, as visitas, a conversação em geral, dos vícios e defeitos na conversação, do gracejo, da controvérsia, as formulas de tratamento, nos bailes, da comida em geral, educação, dos banquetes ou jantares e cerimônias e nas correspondências epistolares. Essas normatizações, regras de conduta, de boas maneiras e de higiene também foram discutidas em outros espaços do jornal em que apareceram com os seguintes títulos: uma esposa correta, arrependido de ter casado, costumes depravados, os oito mandamentos do marido exemplar, como se deve comer, a higiene e o ensino em São Paulo e palavras e frases vulgares. Neste sentido, observa-se que as lideranças do jornal *O Exemplo* buscavam regulamentar e enquadrar comportamentos e hábitos das

famílias negras, principalmente o papel das mulheres, mas também os dos homens nas cidades que se urbanizavam e modernizavam no início do século XX. No que se refere às mulheres, a ênfase era no papel da mulher como genitora e esposa exemplar. Conforme afirma Oliveira (2011), “a cidade é um próspero mercado urbano, multifuncional, a serviço do capital. As famílias nela habitavam deveriam ser um “exemplo” em tudo, subjetivando valores como o cuidado com a beleza (perfumes, aromas, pós, talcos), com o conforto (casacos, chapéus), com o trabalho e com o físico. O final do século XIX e início do século XX, no Brasil, é um momento que requisitava a mudança da relação do sujeito com o seu corpo. Os articulistas do jornal *O Exemplo*, em 1916, assim representaram a “esposa correta”:

Sois capazes de desempenhar o verdadeiro papel de esposa correta? [...] Quais são as principais obrigações? [...] Ser sincera em tudo, higiênica, carinhosa e dar-lhes coisas boas para comer [...] a essencial das obrigações para conseguirdes tudo quanto quiserdes de vosso futuro esposo, como eu consegui do meu, pois sou completamente feliz desde que me casei [...] que uma esposa, desde o primeiro dia, deve estudar o seu marido, seus costumes, gostos e modos, para não lhe contrariar nunca. E a essencial obrigação que recomendo muito é a seguinte: Preparar-lhe sempre, uma boa higiênica cama, isto é, colocar um bom colchão, onde ele possa repousar com prazer (*O Exemplo*, 05/mar/1916, p.4).

Estas narrativas prescritivas revelam ainda, que as classes médias negras letradas entendiam que a família era central na produção deste “bom cidadão”, este sujeito negro civilizado e higiênico. E, era a mulher, como “rainha do lar” e, principalmente, como responsável pela educação de seus filhos, que deveria regular comportamentos e hábitos, na perspectiva dos discursos civilizatórios e higienistas. Já a presença do homem no lar seria “nas horas de lazer”, pois seu espaço privilegiado de atuação era o espaço público, no “trabalho externo”, na tarefa de “provedor”. Assim se pronunciaram os articulistas do *O Exemplo*:

Na direção e doutrinação do pequeno, a genitora tem no lar o papel proeminente por ser nele, onde a plenitude de sua autoridade se exercita de uma maneira mais nobre e respeitosa. Pelo papel desempenhado no lar pela mulher chegou o poeta dizer que a – mulher é uma rainha e que seu trono repousa no lar. Também à mulher por ser um espírito mais terno e complacente essa missão entregue aos seus desvelos é muito melhor exercida. O homem habita a casa nas horas de lazer, onde o trabalho diário externo lhe concede tréguas. Não pode, como a mulher, observar atentamente as transmutações de caráter do pequeno avindas com o seu desenvolvimento físico. [...] a sociedade nada mais é que o conjunto de várias famílias; e, quem soube viver bem e respeitado no seio duma destas famílias saberá também adaptar-se no consórcio de todas elas reunidas. E o indivíduo que assim se acomodar no convívio de seus símiles será, sem dúvida nenhuma, um bom cidadão (*O Exemplo*, 18/mar/1917, p.4).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo das análises sobre a coluna “Da Educação” e nas demais reportagens que circularam no jornal *O Exemplo* prescrevendo comportamentos e hábitos considerados adequados, foi possível observar-se a presença de dois discursos que marcaram as narrativas prescritivas dos redatores afro-brasileiros na segunda década do século XX: o discurso civilizatório e o discurso higienista. Neste sentido, pode-se considerar que estas narrativas prescritivas produziram e fizeram circular ensinamentos que podem ser entendidos como pedagogias das boas maneiras, que tentavam normatizar, formatar e enquadrar os comportamentos e hábitos da comunidade afrodescendente em Porto Alegre, condenando aqueles comportamentos e hábitos que ficassem fora desses padrões de civilidade e de higiene.

REFERÊNCIAS

CUNHA, Maria Teresa Santos. **Os dizeres das regras**: Um estudo sobre manuais de civilidade e etiqueta. UDESC, 2004.

MARRONI, Paula Carolina Teixeira; RODRIGUES, Luiza Divania. **A Civilidade como Pedagogia do comportamento**, 2012.

OLIVEIRA, Iranilson Buriti. Narrativas de Civilidade: O Discurso Médico-higienista nos Manuais Pedagógicos do Segundo Império. Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH. São Paulo, julho 2011. P 1-15.

REVEL, Jacques. Os usos da civilidade. In: ARIÈS, Philippe; DUBY, Georges (orgs.). História da vida privada, v. 3. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

ROQUETTE, J.I. **Código do bom-tom ou regras da civilidade e de bem viver no século XIX**. São Paulo: Cia das Letras, 1997.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **Documentos de identidade: uma introdução às teorias do currículo**/ Tomaz Tadeu da Silva. – 3. Ed; 5. reimp – Belo Horizonte; Autentica Editora, 2014.